

BRASIL VOGUE



Seleção de mestres

Uma bienal e uma trienal são pretextos perfeitos para levar a turma *arty* a Nova York este mês. Confira os **NOSSOS**

Neste mês, no meio da depressão americana, a Bienal do Whitney tem o privilégio de ser o show de abertura do mundo das artes sem perder o vigor. É o que comprova a atual edição organizada em conjunto por Elizabeth Sussman, curadora de fotografia do museu, e o ex-palco de Jay Sanders, expert em poesia e performances. Ao contrário da Trienal do New Museum, que também acontece e cidade nesta primavera, a mostra do Whitney é focada (quase) exclusivamente na produção norte-americana. Entre os 50 artistas selecionados estão vários nomes consagrados, o que nem assim tira o brilho dos trabalhos



Que fazer no Upper East

No metrô, há milhares de peças para comprar depois de visitar a galeria de arte de Nova York. Confira as dicas de quem vive lá: Elizabeth and Jones, do metrô 66th Street (1007 Madison Avenue).



Que fazer no Midtown

Se quiser ir ao teatro, o metrô da 42nd Street é o melhor. Confira as dicas de quem vive lá: Elizabeth and Jones, do metrô 66th Street (1007 Madison Avenue).

fala sede arte



A esquerda, obra de Nicolaus Flörjchen, nome forte da arte brasileira dos anos 80. Aqui, obra de Forrest Bess

ma) pelo tarroteo anárquico do museu e fica horas por ali (dormindo inclusive) apresentando o material. A programação da performance, que tem um andar todo dedicado a eles - é entre outras coisas aberta do Whitney.

Não para, ainda, as três vitórias tradicionais do californiano Mike Kelley, que mostra suas obras em janeiro passado. Não registramos as vitórias de André Hovind, uma réplica da casa onde o artista viveu na infância, que ele entregou na garagem de uma construtora na praia de Detroit em 2008. Arte fresca e bem selecionada para todos os gostos.

whitney museum: s/n Madison Avenue, Upper East Side, NY. Até 22 de maio



fala sede arte

Para a trienal, o curador da Bienal do Whitney, Jeffrey Pfeffer, selecionou 50 artistas de 20 países. A esquerda, obra de Nicolaus Flörjchen, nome forte da arte brasileira dos anos 80. Aqui, obra de Forrest Bess

Para a trienal, o curador da Bienal do Whitney, Jeffrey Pfeffer, selecionou 50 artistas de 20 países. A esquerda, obra de Nicolaus Flörjchen, nome forte da arte brasileira dos anos 80. Aqui, obra de Forrest Bess

Para a trienal, o curador da Bienal do Whitney, Jeffrey Pfeffer, selecionou 50 artistas de 20 países. A esquerda, obra de Nicolaus Flörjchen, nome forte da arte brasileira dos anos 80. Aqui, obra de Forrest Bess

O que fazer em NoIta

Muito se falou quando o New Museum fez sua primeira trienal, em 2009, por conta do critério atípico adotado. Younger Than Jesus, como ficou o nome, era uma seleção de artistas com menos de 30 anos. O museu, que se dedica unicamente à arte do século 21, nesta segunda edição, que fica em cartaz até 22 de abril, resolveu expandir o limite e permitir a inclusão dos nascidos na década de 70 também. Houve ainda uma mudança de curador, posto agora ocupado por Elmgelt Joo, diretora advogada do museu, que deu à trienal o título de The Ungovernables, bem em sintonia com o movimento Occupy em Nova York. Em torno dessa inquietude geracional foi reunido um grupo de 50 artistas de 20 países diferentes.

"Pensei dois anos só viajando, de Hong Kong a Minas Gerais", conta Joo. A América Latina é a grande contemplada. "Fiz um mix de nomes reconhecidos internacionalmente com outros que têm forte presença em seu país de origem". De Brasil, foram convocados o californiano Jonathan de Andrade e a mineira Cláudia Marçal. Andrade tem um andar quase inteiro para exibir sua obra. A trienal também tem um espaço de com fotos de famílias em diferentes épocas, justaposto por ele a páginas de um diário que encontrou no Iloilo, criando uma estranha narrativa. Também é dele a videointalação "A Zoo Experiment (2008)", criada com 4.000 retratos de homens em looping.

A Argentina tem destaque com a Person Level Me, megaestrutura de 20 países diferentes. É para o Gama, no Bowery Hotel, que todo mundo come depois dos vernissages e lançamentos de livros do New Museum. Brinde por lá com os clássicos. 335 Bowery



conia Joo. A América Latina é a grande contemplada. "Fiz um mix de nomes reconhecidos internacionalmente com outros que têm forte presença em seu país de origem". De Brasil, foram convocados o californiano Jonathan de Andrade e a mineira Cláudia Marçal. Andrade tem um andar quase inteiro para exibir sua obra. A trienal também tem um espaço de com fotos de famílias em diferentes épocas, justaposto por ele a páginas de um diário que encontrou no Iloilo, criando uma estranha narrativa. Também é dele a videointalação "A Zoo Experiment (2008)", criada com 4.000 retratos de homens em looping.

A Argentina tem destaque com a Person Level Me, megaestrutura de 20 países diferentes. É para o Gama, no Bowery Hotel, que todo mundo come depois dos vernissages e lançamentos de livros do New Museum. Brinde por lá com os clássicos. 335 Bowery

A Argentina tem destaque com a Person Level Me, megaestrutura de 20 países diferentes. É para o Gama, no Bowery Hotel, que todo mundo come depois dos vernissages e lançamentos de livros do New Museum. Brinde por lá com os clássicos. 335 Bowery

Na trienal estão 50 países. A esquerda, obra de Nicolaus Flörjchen, nome forte da arte brasileira dos anos 80. Aqui, obra de Forrest Bess

Na trienal estão 50 países. A esquerda, obra de Nicolaus Flörjchen, nome forte da arte brasileira dos anos 80. Aqui, obra de Forrest Bess

Na trienal estão 50 países. A esquerda, obra de Nicolaus Flörjchen, nome forte da arte brasileira dos anos 80. Aqui, obra de Forrest Bess

Na trienal estão 50 países. A esquerda, obra de Nicolaus Flörjchen, nome forte da arte brasileira dos anos 80. Aqui, obra de Forrest Bess

Na trienal estão 50 países. A esquerda, obra de Nicolaus Flörjchen, nome forte da arte brasileira dos anos 80. Aqui, obra de Forrest Bess

Na trienal estão 50 países. A esquerda, obra de Nicolaus Flörjchen, nome forte da arte brasileira dos anos 80. Aqui, obra de Forrest Bess



À esquerda, obra de Nicole Eisenman, nome forte da arte feminista dos anos 90. Aqui, tela de Forrest Bess

Whitney Museum

pintor Hercules Segers ao som de uma ária de Handel. Artista holandês do século 16, Segers é chamado pelo cineasta de “o pai da modernidade na arte”. Este é o primeiro *art show* de Herzog, que resistiu a participar da exposição.

Outra parada obrigatória deve ser feita nas telas de Forrest Bess, pescador texano que no fim dos anos 50 começou a pintar seus sonhos e acabou entrando para a turma de Jackson Pollock e Mark Rothko. As telas semiabstratas selecionadas para a bienal tratam da mudança de sexo empreendida por Bess através de autocirurgias assustadoras. Recusada à época pela Betty Parsons Gallery (que representava ele, Pollock e Rothko), a série é acompanhada por fotos que o artista fez para registrar sua mutação sexual.

Entre os nomes do underground, destaque para a videoinstalação de Wu Tsang, nome atual da *transgender art* californiana. O americano de ascendência chinesa fez uma réplica virtual do Silver Platter, clube latino de Los Angeles que é point de *transgêneros*. Outra instalação que vale a visita é *This Could Be Something If I Let It*, de Dawn Kasper. A americana espalhou seus pertences (cama, livros, utensílios de cozi-

nha) pelo terceiro andar do museu e fica horas por ali (dormindo inclusive) apresentando o material. A programação de performances - que tem um andar todo dedicado a elas - é outra sacada esperta do Whitney.

Não perca, ainda, os três vídeos inéditos do californiano Mike Kelley, que morreu aos 57 anos em janeiro passado. São o registro das viagens da *Mobile Homestead*, uma réplica da casa onde o artista viveu na infância, que ele carregou na caçamba de uma caminhonete pelas ruas de Detroit em 2010. Arte fresca e bem selecionada para todos os gostos.

Whitney Museum: 945 Madison Avenue, Upper East Side, NY. Até 27 de maio

Seleção de mestres

Uma bienal e uma trienal são pretextos perfeitos para levar a turma *artsy* a Nova York este mês. Confira! POR NÔ MELLO

Nascida em 1932, no auge da depressão americana, a Bienal do Whitney tem sobrevivido aos altos e baixos do mundo das artes sem perder o vigor. É o que comprova a atual edição, organizada em conjunto por Elisabeth Sussman, curadora de fotografia do museu, e o ex-galerista Jay Sanders, expert em poesia e performances. Ao contrário da Trienal do New Museum, que também movimentou a cidade nesta primavera, a mostra do Whitney é focada (quase) exclusivamente na produção norte-americana. Entre os 50 artistas selecionados estão vários nomes consagrados, o que nem assim tira o frescor dos trabalhos

- graças principalmente ao ótimo mix de cineastas, videoartistas e performers, somado à inclusão de bons nomes do underground.

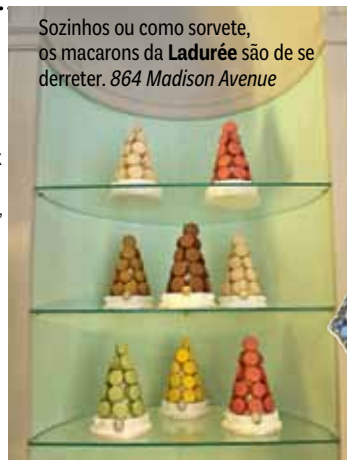
Quem figura entre os destaques é o diretor Werner Herzog, representado por *Hearsay of the Soul* (2012), uma projeção em cinco telas de diversas paisagens do

O que fazer no Upper East

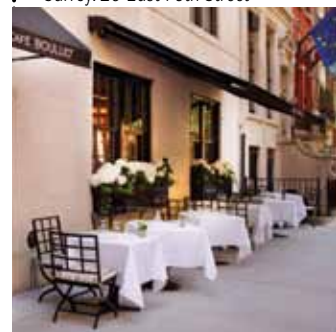
Na multimarcas **Intermix** dá para comprar peças de novas marcas americanas, como Elizabeth and James, das irmãs Olsen. 1.003 Madison Avenue



Sozinhos ou como sorvete, os macarons da **Ladurée** são de se derreter. 864 Madison Avenue



Faça uma pausa para provar os embutidos do **Café Boloud**, no hotel The Surrey. 20 East 76th Street



A **Camilla Dietz Bergeron** é especializada em joias de época, como o broche Verdura, abaixo. Mesmo se não for comprar, vale a visita! 818 Madison Avenue





Na trienal estão 50 jovens artistas de 20 países. À esquerda, escultura do vietnamita Danh Vô. Abaixo, desenho do sul-africano Kemang Wa Lehulere

New Museum



O que fazer em Nolita



Mate a fome com os paninis do **Sant Ambroeus**, clássico das *preppy girls* do Upper East que acaba de abrir filial aqui. 259 West 4th Street

Muito se falou quando o New Museum fez sua primeira trienal, em 2009, por conta do critério etário adotado. *Younger Than Jesus*, como dizia o nome, era uma seleção de artistas com menos de 33 anos. O museu, que se dedica unicamente à arte do século 21, nesta segunda edição, que fica em cartaz até 22 de abril, resolveu expandir o limite e permitir a inclusão dos nascidos na década de 70 também. Houve ainda uma mudança de curador, posto agora ocupado por Eungie Joo, diretora educativa do museu, que deu à trienal o título de *The Ungovernables*, bem em sintonia com o movimento Occupy em Nova York. Em torno dessa inquietude geracional foi reunido um grupo de 50 artistas de 20 países diferentes.

“Passei dois anos só viajando, de Hong Kong a Minas Gerais”,

conta Joo. A América Latina é a grande contemplada. “Fiz um mix de nomes reconhecidos internacionalmente com outros que têm forte presença em seu país de origem.” Do Brasil, foram convocados o alagoano Jonathas Andrade e a mineira Cinthia Marcelle. Andrade tem um andar quase inteiro para exibir sua *Resaca Tropical* (2009): um conjunto de cem fotos de Recife em diferentes épocas, justaposto por ele a páginas de um diário que encontrou no lixo, criando uma estranha narrativa. Também é dele a videoinstalação *4.000 Disparos* (2010), criada com 4.000 retratos de homens em looping.

A Argentina tem destaque com *A Person Loved Me*, megaescultura (e mega significa mais de 5 metros de altura, grande a ponto de perfurar o teto do museu) de Adrián Villar Rojas feita de espuma, argila, madeira e ferro especialmente para a mostra - se sobrar um tempo, passe na World Financial Center Plaza para ver outro desses

alienígenas, que acabou de ser instalado ali.

Se ainda não estiver satisfeito com as supostas supernovidades, siga para o curioso misto de performance, experimento behaviorista e videoinstalação *The Trainee* (2008), de Pilvi Takala. Há quatro anos, a finlandesa achou pelo jornal um emprego no setor de contabilidade de uma empresa em Helsinki, passou no processo de seleção e... decidiu não trabalhar. Por um mês, Takala apenas subia e descia de elevador. A contratação, as reações dos colegas e sua demissão foram registradas em vídeo, que ela exibe em um espaço que reproduz sua antiga sala de reuniões. “O que vemos aqui é uma geração de artistas anárquica e ao mesmo tempo organizada, mas que usa a arte como resistência a partir de muita imaginação e um senso de humor meio negro, mas já longe da militância política convencional”, analisa Joo.

New Museum: 235 Bowery, Nolita, NY. Até 22 de abril

Quer uma boa lembrança? Já chegaram os pratos de insetos da **John Derian**. 6 East 2nd Street



Design transado é o lema da **Haus Interior**, da designer-socialite Nina Freudenberger. 250 Elizabeth Street



É para o **Gemma**, no Bowery Hotel, que todo mundo corre depois dos vernissages e lançamentos de livros do New Museum. Brinde por lá com os drinques clássicos. 335 Bowery